

# Soldados Brasileiros na Europa

*O Tenente-Coronel LIMA FIGUEIREDO, antigo colaborador de "O Estado de S. Paulo", publicou naquele grande órgão da imprensa bandeirante o seguinte artigo :*

A paz esplendida que ha de surgir após essa guerra nefanda e selvagem, como um arrebol rutilante, depois de periodo longo de trevas, será a aleluia dos povos oprimidos, das nações pisoteadas pela bota do invasor que só utilizou as belezas da civilização do século para fazer sofrer a humanidade.

O Brasil que já vinha contribuindo de mil formas, ora fornecendo matérias primas indispensáveis à industria bélica, ora permitindo que no seu território os aliados encontrassem bases seguras para bem desenvolverem seus planos estrategicos, resolveu enviar a fina flor do seu exército, a nossa mocidade, para lutar com desassombro e denodo contra o inimigo comum, provando que seu ideal humano não fica conscrito às nossas lindas fronteiriças.

Os soldados que enviamos para a Italia honrarão, certamente, as tradições da nossa Pátria. Têm como comandante o General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes, homem concentrado, pouco comunicativo, inteligente, de vontade firme e devotado, exclusivamente, às lides da caserna, aos problemas da profissão, desde os postos mais baixos. Foi excelente tenente, magnífico capitão, seguro comandante, e tudo indica, pelo seu passado, que será um chefe, um condutor de homens, à altura da elevada e espinhosa missão que lhe foi confiada.

Seus officiais, instruidos à luz da doutrina que herdamos da Missão Militar Francesa, foram, quase todos, aperfeiçoados

no proveitoso estágio que realizaram nos Estados Unidos da América.

As praças, representando uma parcela do povo brasileiro, têm todos os característicos desse mesmo povo: alegre e folgazão fora do perigo, mas bravo, enérgico e impetuoso, quando sente a honra da pátria ofendida. Serão capazes de pelejar por longo tempo, desprezando qualquer conforto e desafiando mesmo a própria fome, se as circunstâncias da luta assim o exigirem. As páginas já escritas da nossa história são a prova de que o nosso soldado jamais faltou ao Brasil, fossem quais fossem as vicissitudes por que tivessem de passar, nos momentos históricos de provação da nossa nacionalidade.

Os dotes morais do nosso povo foram, através de sólida instrução cívica, impregnados na nossa tropa que sabe, perfeitamente, a sua incumbência de vingar os nossos patrícios miseravelmente naufragados em águas brasileiras e de contribuir, com galhardia e valor, para a mais rápida vitória dos que se batem pela causa da liberdade. É dupla a missão, uma é exclusivamente nossa, mas se acha contida na outra mais grandiosa que diz respeito à felicidade geral dos habitantes do planeta. Obtida a vitória, a preço do nosso sangue, teremos cumprido o nosso dever para com as vítimas dos submarinos nazi-fascistas.

O preparo físico e profissional da soldadesca foi apuradíssimo. Fisicamente foi preparada segundo os novos métodos americanos, nos quais o combatente moderno aprende a marchar, saltar, transpor aramados, nuvens de fumaça, campos minados etc., acostumando-se aos ruídos e estampidos dos campos de batalha. Quanto á parte do emprêgo do armamento, foi adestrada, cuidadosamente, com material moderníssimo. Assim sendo, a nossa tropa está preparada moral, física e profissionalmente, como qualquer outra dos exércitos das grandes potências aliadas.

Podemos confiar nos nossos soldados, eles estão em condições de honrar o Brasil, fazendo os nossos inimigos pagar

caro a humilhação a que submeteram a nossa Bandeira. Tudo nos diz que farta será a obtenção de louros, porquanto os chefes são hábeis, a oficialidade culta, as praças fortes e ousadas e o material de primeiríssima ordem.

Em breve teremos a confirmação de tudo que foi dito, com a entrada dos brasileiros no "front" italiano.

E' esta a segunda vez que saem tropas regulares do Brasil para combaterem fora do continente. A primeira foi levada a efeito a 12 de maio de 1648. Os holandeses, como haviam feito no Brasil, estabeleceram-se em Angola e de lá não queriam sair. D. João VI ordena uma expedição contra os b́atavos, a ser organizada no Rio de Janeiro, sob o comando do impávido Salvador Correia de Sá que, com onze naus, navega para a Africa e a 12 de agosto põe o invasor em cheque. Loanda é ocupada e toda a colônia fica livre dos invasores.

Já naquele tempo foi sentida a necessidade de lançar-se mão de tropas da beira ocidental do Atlantico para ir em socorro do seu litoral oriental, se bem que a viagem de transposição do Atlantico durasse três meses. Agora, que o espaço marítimo entre Natal e Dacar, com mil e seiscentas milhas nauticas, fez o oceano metamorfosear-se em estreito, mercê da velocidade das possantes aeronaves que o cruzam em sete horas, mais do que nunca houve a premência de garantir-se as duas costas do Atlantico Sul e, enquanto Dacar não se tornou aliada, grandes foram as apreensões do povo do continente de Colombo.

Os soldados do Brasil agora, como os de outróra, cruzaram o mar imenso, guiados por Deus e, como venceram no século XVII, rapidamente, saberão, ombro a ombro, com seus irmãos na causa santa, derrotar os novos hunos que fizeram parar o progresso da civilização, tisonando a face do homem dêste século.